

RELATÓRIO

Da COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL, sobre a Mensagem nº 72, de 2016 (Mensagem nº 395, de 12 de julho de 2016, na origem), do Presidente da República, que *submete à apreciação do Senado Federal, de conformidade com o art. 52, inciso IV, da Constituição, e com o art. 39, combinado com o art. 41 da Lei nº 11.440, de 29 de dezembro de 2006, o nome do Senhor MARCOS CARAMURU DE PAIVA, Ministro de Primeira Classe, aposentado, da Carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores, para exercer o cargo de Embaixador do Brasil na República Popular da China e, cumulativamente, na Mongólia.*

RELATOR: Senador **RICARDO FERRAÇO**

De conformidade com o art. 52, inciso IV, da Constituição Federal, e com a Lei nº 11.440, de 29 de dezembro de 2006, vem à Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, a Mensagem nº 72, de 2016, que submete à apreciação do Senado Federal a indicação do Senhor Marcos Caramuru de Paiva, Ministro

de Primeira Classe, aposentado, da Carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores, para exercer o cargo de Embaixador do Brasil na República Popular da China e, cumulativamente, na Mongólia.

O Ministério das Relações Exteriores encaminhou, em atenção ao preceito regimental, o currículo do referido diplomata.

Marcos Caramuru é filho de Caleno de Paiva e Francisca Caramuru de Paiva, nasceu no Rio de Janeiro, em 10 de janeiro de 1954. Formou-se em Administração, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro no ano de 1975, ano em que ingressou no Itamaraty. Foi promovido a Ministro de Primeira Classe, cargo mais alto da carreira, em 2000.

O Embaixador Caramuru ocupou importantes cargos dentro e fora do Itamaraty, na maioria das vezes na área econômica. Trabalhou na Subsecretaria-Geral de Assuntos Econômicos e Comerciais do Ministério das Relações Exteriores, de 1988 a 1990; foi Chefe da Assessoria de Comunicação Social do Ministério da Fazenda, de 1990 a 1991; e Secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, de 1996 a 2004.

No exterior, serviu na Embaixada em Washington e Caracas e na Missão junto à ONU. Foi, ainda, Embaixador em Kuala Lumpur e Cônsul-Geral em Xangai. Registre-se ter sido Diretor Executivo do Banco Mundial e sócio e gestor da KEMU Consultoria, com sede em Xangai e hoje inativa.

O Embaixador Caramuru está sendo indicado para uma das mais importantes embaixadas brasileiras. A China é, desde 2009, o maior destino das exportações brasileiras e maior parceiro comercial do País e, desde 2012, o principal fornecedor de produtos importados pelo Brasil.

A China passou para o grupo de economias mais sofisticadas do mundo em termos tecnológicos e se tornou a segunda maior economia do planeta, caminhando para ser a 1ª, sendo hoje o maior parceiro comercial de uma série de países.

O Brasil vende de commodities a aviões. O intercâmbio comercial bilateral em 2015 foi de US\$ 66,3 bilhões. O superávit brasileiro foi de US\$ 4,9 bilhões, resultado mais expressivo em relação ao ano de 2014, quando foi de US\$ 3,27 bilhões.

As exportações de soja, minério de ferro e óleos brutos de petróleo, somadas, representaram 75% do total exportado para o país asiático. Entre essas *commodities*, merece destaque o papel central desempenhado pela soja. Em 2015, as exportações brasileiras do produto somaram mais de US\$ 12 bilhões, o que representou mais de 53% das nossas exportações totais para aquele país. A comercialização da soja é fundamental tanto para o Brasil quanto para a China, pois o mercado chinês absorve 75% das exportações brasileiras do grão e o Brasil é o principal fornecedor de soja para o mercado chinês.

Cabe destacar, igualmente, o minério de ferro. Apesar da queda dos preços internacionais do produto, em 2015, foi o segundo bem da pauta exportadora brasileira. O total exportado foi de US\$ 3,3 bilhões, o que representou 14,46% das exportações do Brasil para a China. A China é cada vez mais dependente do minério importado. Em 2015, a China importou 84% do minério que utiliza em seu mercado interno e o Brasil forneceu 20,15% desse montante. A Vale é uma das três maiores exportadoras de minério de ferro para o mercado chinês.

Outro produto que merece destaque na pauta exportadora brasileira é a carne bovina. O mercado de produtos alimentícios da China é um dos mais dinâmicos do mundo, em razão da crescente urbanização do país e do aumento da renda média. O Brasil deve aproveitar-se dessa oportunidade. A superação, em 2015, do

embargo à exportação da carne brasileira, que havia sido imposto em razão de detecção de caso atípico da chamada doença da vaca louca em 2012, foi importante passo, que, levou a um crescimento exponencial das vendas àquele país. Segundo dados do MIDC, de janeiro a junho de 2016, o Brasil já exportou US\$ 380 milhões em carne bovina para a República Popular da China. O produto já é o sétimo da pauta exportadora brasileira. Segundo recente artigo do periódico "China Daily", o Brasil já é o maior fornecedor de carne bovina para o mercado chinês, que é o segundo maior mundial importador do produto.

Além desses importantes produtos básicos, merecem destaque as vendas de aviões produzidos pela Embraer. Essas exportações são fundamentais para desconcentrar a pauta comercial bilateral, agregando itens de alto conteúdo tecnológico. A Embraer está presente no mercado chinês desde 2000. Até o momento, a Embraer já entregou 133 aeronaves comerciais para companhias aéreas chinesas. De 2000 a 2016, o Brasil exportou para o mercado chinês mais de US\$ 3,5 bilhões em aeronaves e peças para indústria aeronáutica, um montante significativo na pauta comercial sino-brasileira.

Não poderia deixar de mencionar o café, cultura tão importante para o meu estado. O Espírito Santo é o maior produtor de café conilon e vê a China como a nova fronteira. Os chineses são tradicionalmente consumidores de chá, mas, na última década, o hábito de beber café é cada vez mais comum. O consumo anual de café tem crescido 16% ao ano na última década e há grande potencial para aumentar as exportações brasileiras do produto.

Do lado das importações, as compras de máquinas e aparelhos elétricos e mecânicos, somados, corresponderam a cerca de 49% do montante das importações brasileiras daquele país.

Para além do aspecto comercial, gostaria de recordar aos presentes o importante papel que a China tem e terá na questão dos investimentos. Há pouco mais de um mês, nesta mesma sala, fizemos duas audiências públicas sobre investimentos chineses no Brasil. A primeira realizou-se em 10 de março passado, ocasião em que o então Subsecretário-Geral Político II, Embaixador José Alfredo Graça Lima, o Embaixador designado para Washington, Sérgio Amaral, e outros convidados avaliaram os impactos e desdobramentos recentes da economia chinesa sobre os países emergentes e, em particular, sobre o Brasil.

Em 29 de junho de 2016, ocorreu a segunda audiência pública, esta para tratar da construção da Ferrovia Transcontinental, projeto que visa a integrar o Brasil e o Peru, por meio da Cordilheira dos Andes, abrindo nova rota de escoamento de produtos brasileiros. É um tema que todos aqui no Senado temos acompanhado com grande interesse, pelo potencial transformador da empreitada na rede de infraestrutura do Brasil e do continente sul americano.

Os investimentos diretos da China hoje estão aumentando no mundo inteiro. O país está investindo cerca de US\$120 bilhões por ano no exterior, comprando empresas, promovendo aquisições e fusões em várias áreas. O foco deles não é o Brasil, mas sim países como os EUA e a Europa, porque estão comprando empresas de alto conteúdo tecnológico.

É possível identificar três fases nos investimentos chineses no Brasil nos anos recentes. Inicialmente, os projetos concentraram-se no fornecimento dos recursos naturais, para atender à demanda do mercado chinês durante o período de altas taxas de crescimento econômico. Em seguida, o foco recaiu sobre o

setor industrial, para o suprimento do mercado doméstico brasileiro e como plataforma de exportação para a América Latina, a exemplo dos investimentos no setor automobilístico e de maquinário. Por fim, o capital chinês dirige-se crescentemente para segmentos industriais e os setores de infraestrutura, telecomunicações, produção e distribuição de energia e projetos ferroviários. Três dos principais bancos estatais da China anunciaram investimentos no Brasil: Bank of China, Industrial and Commercial Bank of China (ICBC), e China Construction Bank. Além disso, o Banco de Desenvolvimento da China (CDB), por meio de seu escritório no Rio de Janeiro, apoia empresas chinesas interessadas em investimentos no País.

Outro movimento novo e importante para o Brasil é o do crescente fluxo de capitais chineses em pequenas e médias empresas brasileiras e as decorrentes dificuldades das empresas brasileiras em termos de acesso ao mercado chinês.

O principal problema enfrentado pelas empresas brasileiras é a sua falta de estrutura para atingir um mercado tão grande como o chinês. É necessário um esforço importante do governo brasileiro no sentido de incentivar e apoiar estas empresas no seu esforço de se estruturarem.

E é nesse ponto, mais do que em qualquer outro, que espero contar com o apoio do Embaixador Caramuru e sua equipe.

A agenda sino-brasileira aponta importantes temas para o Brasil, que devem ser cuidadosamente acompanhados pela nossa Embaixada.

O reconhecimento da China como economia de mercado é um deles, sobretudo pelos impactos que a medida poderá causar na indústria brasileira. Merecem também serem acompanhadas de

perto as disputas no Mar do Sul da China, por onde passam parte significativa dos produtos exportados e importados pelo Brasil da Ásia.

Cabe assinalar também que o Grupo Parlamentar de Amizade Brasil-China constitui importante instância de diálogo e aproximação.

Os chineses hoje impõem ao mundo um novo modelo. A orientação externa chinesa é, sobretudo, pragmática. Muitos a criticam por isso, por não haver critérios na escolha dos parceiros. Mas, ao combinar, como nenhum outro país nos nossos tempos, comércio, empréstimos e investimentos na ofensiva internacional, a China vai abrindo espaços.

O interesse do país é fazer negócios. E fazer negócios da maneira chinesa, ou seja, baseados na confiança, no entendimento com os parceiros.

O Brasil vai ter que se habituar à cultura chinesa na área econômica. Para os chineses a confiança é um valor muito alto. O Brasil tem que estar preparado para essa relação, buscando entender que para eles o que pesa é a confiança.

A China se impõe crescentemente ao mundo. E quem não souber como se articular bem com ela estará longe do xadrez do século XXI.

Sobre a Mongólia, lembro que se trata de com vasto território (1,56 milhão de km²) e escassa população (2,9 milhões de habitantes) circundado por grandes potências (China e Rússia) e com interesses econômicos ligados ao seu entorno regional, tendo

poucos laços com países extra-asiáticos. Sua economia é fortemente baseada no setor mineral e é justamente por esse setor que poderemos ampliar nossa presença naquele país

Desde o romper do presente século, a Mongólia tem procurado consolidar um regime político na linha das democracias ocidentais e um sistema de economia de mercado. Nessa linha, o governo mongol considera o Brasil, com quem mantém relações diplomáticas desde 1987, um país com importante projeção no plano regional e internacional, dotado de setores industriais e tecnológicos de vanguarda e com potencial para realizar investimentos em seu território, especialmente no setor de mineração, como acabo de mencionar.

Conto com o eficiente trabalho de Vossa Excelência para aumentar os modestos fluxos comerciais com esse país. Entre 2005 e 2015, o comércio bilateral entre Brasil e Mongólia decresceu, passando de US\$ 1,869 milhão para US\$ 1,267 milhão. Os fluxos comerciais são, basicamente, os valores registrados das exportações brasileiras para a Mongólia, uma vez que as importações são pouco expressivas.

Para finalizar, quero deixar aqui um depoimento pessoal.

O senhor Marcos Caramuru possui qualificação valiosa para a função para a qual é indicado. Além de seus conhecimentos na área econômica, o senhor Marcos Caramuru conhece bem a China, tendo residido em Xangai, onde aprendeu mandarim. A indicação de um embaixador aposentado tem, no caso dele, o sentido de resgate de um profissional que tem um elevado conceito entre seus pares, mas que, por circunstâncias políticas, não foi

devidamente aproveitado pelo Itamaraty nos últimos anos de sua vida ativa.

Diante da natureza da matéria ora apreciada, eram essas as considerações a serem feitas no âmbito do presente Relatório.

Sala da Comissão,

, Presidente

, Relator